

MÍDIA E REELABORAÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO: DIÁLOGO ENTRE O MEIO IMPRESSO E A INTERNET

MEDIA AND REELABORATION OF SPEECH GENDERS: DIALOGUE BETWEEN PRINTED MEDIA AND THE INTERNET

Ester Maria Figueiredo Souza

Pós-Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia

Líder do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia /CNPq.

Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: emfsouza@gmail.com

Flávia Moreira Mota e Mota

Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: flaviamota2@gmail.com

RESUMO

A língua, em seus mais diversos usos e convenções, não é estática, mas é intensamente viva, maleável e dinâmica, porque aqueles que dela fazem uso também o são. As mudanças ocorridas com e através do ser humano fazem surgir a necessidade de novas palavras, num ininterrupto rearranjar de conceitos, classificações e categorizações. Partindo desse pressuposto, o presente artigo tem como intuito analisar como gêneros discursivos podem ser reelaborados e transitar em diferentes esferas da comunicação humana, a depender da forma como são utilizados. Para tanto, tomamos como objeto de análise a coluna “Blogs do Além”, publicada na revista Carta Capital de 11 de abril de 2012, Ano XVII, nº 692, intitulado “Blog do Costa e Silva”, criada e assinada pelo publicitário Vitor Knijnik.

Palavras-chave: Bakhtin. Enunciado. Gênero do discurso.

ABSTRACT

Language, in its most diverse uses and conventions, is not static, but is intensely alive, malleable and dynamic, because those who make use of it are also dynamic. The changes that occur with and through the human make the need for new words arise in an uninterrupted rearrangement of concepts, classifications and categorizations. Based on this assumption, the present article aims to analyze how discursive genres can be reworked and transited in different spheres of human

communication, depending on how these speeches are used. To do so, we analyze the column "*Blogs do Além*", published in *Carta Capital Magazine* of April 11, 2012, Year XVII, nº 692, titled "Costa e Silva's Blog", created and signed by the publicist Vitor Knijnik.

Key-words: Bakhtin. Statement. Discourse genres.

1 INTRODUÇÃO

Deparamos sempre com questões sobre a complexidade das produções discursivas nos contextos de interação social. As feições estilísticas, composicionais e multiformes dos fenômenos da linguagem presentes em inúmeros meios de comunicação são extratos para as problematizações no campo das ciências linguísticas. Para conformar estudos dialógicos de produção discursiva em determinados contextos sociais, as teorias do discurso partilham de relevância teórica e metodologia para a empreitada investigativa. Elegemos, dentre tantas, a teoria bakhtiniana, assentada nos estudos do Círculo de Bakhtin, em sua filosofia da linguagem, ao considerarmos suas reflexões sobre o princípio dialógico que instaura e produz a linguagem e a natureza concreta dos enunciados em interação verbal. Segundo Barros (2005) Bakhtin antecipa as principais tendências dos estudos pos estruturalistas da linguagem, nos últimos trinta anos.

Este artigo tem como proposta abordar a maleabilidade de gêneros discursivos na esfera da comunicação humana¹ do campo jornalístico e a geração de novos enunciados em gêneros do discurso, a partir da constatação bakhtiniana de que a vida social organiza e cria os seus tipos discursivos para atender a determinadas necessidades humanas. Os gêneros discursivos estão assentados historicamente e dialogicamente na ininterrupta cadeia da comunicação humana. O conceito de esfera é presente na obra do Círculo de Bakhtin² e engloba a criação ideológica, a atividade individual, a utilização da língua por meio de uso e criação de gêneros discursivos.

Nosso intento é o de realçar o domínio discursivo de uma esfera da vida social ou institucional onde se elaboram e reelaboram-se matérias discursivas na qual se dão práticas de uso e aplicação da linguagem que organizam as escolhas das formas de comunicação e respectivas intenções de produção de sentido dos autor, por meio de estratégias discursivas atreladas ao gênero em processo de produção.

O princípio dialógico da linguagem encontra-se irmanado nos escritos bakhtinianos. Esse princípio aponta a linguagem como interação verbal distanciando-se da corrente estruturalista do início do século XX, a qual acolhia a dimensão dialética da produção social da

linguagem, mas reduzia os enunciadores aos papéis passivos do agir sobre a língua. Os domínios de criação e reelaboração da linguagem em práticas sociais criam uma modalização do e para o seus usos, produzem formatos e modelos que são (com) partilhados pelos sujeitos no percurso da ação comunicativa. Esses formatos tendem a orientar e sustentar a comunicação social, vez que estabilizam e padronizam a ocorrência do gênero e são herdados pelos sujeitos sociais na suas necessidades cotidianas para produzir efeitos de sentidos diversos.

Sob essa base epistemológica é que buscamos considerar a criação de novos gêneros na sociedade. O objeto de pesquisa gênero, na especificidade de gênero discursivo, ocupa um papel central na definição da própria linguagem. Ele é a própria interação verbal, por ela se constitui e é constituído, sendo capaz de articular as esferas de realização da língua em formas de discurso, em concretizar a fala em produção languageira. No movimento de reelaboração um gênero pode se apresentar nem sempre como ruptura, mas tende a considerar e conservar elementos de outro gênero no processo criativo autoral. Incorporando feições de outro gênero, mesmo que esse outro gênero seja realizado em outra esfera de produção da linguagem, como, por exemplo, no objeto que apresentamos como temática deste texto: a coluna blogs do além, da revista Carta Capital.

Problematizar o princípio dialógico da linguagem na vertente dos estudos bakhtinianos requer atentar-se para questões de língua em interação verbal em apreensão e apreensão de sentidos do percurso enunciativo e considerar a prática ou práticas sociais da linguagem como cenários de acontecimentos discursivos que elegem gêneros do discurso como organizadores do contexto sócio comunicativo. Em decorrência disso, assentamos as problematizações deste artigo na esfera discursiva jornalística, priorizando a noção de reelaboração de gênero em mídia impressa, ainda que, possamos perceber um entrelaçamento de gêneros no material definido para a análise verbo visual, vez que a verbovisualidade é atravessada pelo princípio dialógico, inicialmente referenciado, sendo inerente à linguagem.

O gênero discursivo de domínio cultural é um elemento de tradição discursiva de uma dada sociedade. No nosso caso específico, da esfera, pois a ele acarretam-se formas de subjetivação de práticas discursivas dos seus usuários, determinando-se em formatos textuais que tendem a serem reelaborados na sua instância de criação ideológica, relevância social e necessidade de comunicação do sujeito.

Realizando leituras sobre esfera e campo de comunicação na obra bakhtiniana reconhecemos, como Grilo (2006), que essas noções são fundantes para a interpretação das produções discursivas em determinados espaços e tempos culturais. Assim, atualiza-se a noção de esfera ao considerar que

A noção de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica ou da atividade humana ou da comunicação social ou da utilização da língua ou simplesmente ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância sócio-econômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada campo. (GRILLO, 2006, p. 143).

Assim, acolhendo a dialética, a concepção interacionista da linguagem proposta por Bakhtin e Volochinov (1997), sintetizada em processo de interação verbal, é, sobremaneira, expressa na dialogia imanente dos processos discursivos que tipifica o caráter precário e ordinário da linguagem na contemporaneidade. Neste sentido, Machado (2007) pontua que

Graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem (2007, p. 152).

Os enunciadores utilizam a língua como realização concreta e não no seu sistema abstrato de formas e normas. Normas são criadas, pela permissividade e relatividade do sistema linguístico, que as facultam como passíveis de uso para atender a criação individual e necessidade coletiva de grupos humanos. O pensamento bakhtiniano, inserido na teoria dialógica da linguagem a qual nos filiamos, corrobora quando afirma que: “tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados” (Bakhtin/Volochinov, 2003.p. 92). Os sentidos não se alojam no centro do sistema linguístico, mas nas interfaces das situações concretas de uso da língua, em um contexto definido previamente, sujeito às intenções e ações dos sujeitos enunciadores. Na realidade, só produzimos linguagem em situações reais de comunicação, quer em conformidade com norma linguística estabelecida ou para além e apesar de dessa norma.

Novos gêneros são criados e gêneros antigos são reelaborados para atender às novas demandas surgidas no seio da interação humana e, conseqüentemente, da linguagem que a permeia. Muitas vezes não se trata de uma atividade consciente, mas uma simples apropriação de elementos e características de uma plataforma/suporte para um fim diferenciado daquele para o qual foi criado faz nascer um novo contexto de exercício da linguagem. Zavam (2009, p. 55) concebe reelaboração de gêneros como “o fenômeno que regeria a possibilidade de transformar e ser transformado a que os gêneros do discurso estariam inexoravelmente submetidos”.

Tomando como exemplo a esfera jornalística, constata-se que os gêneros/enunciados aí presentes interpenetram-se e absorvem características de outros enunciados, criando modelos híbridos, o que comprova a afirmação bakhtiniana da *relativa estabilidade* dos gêneros e não de sua *relatividade*. Há uma estabilidade que gera novos e outros enunciados. É sobre esse pano de

fundo da *relativa estabilidade* discursiva que novas formas e formatos discursivos são criados continuamente, devido à multiplicidade e inesgotabilidade de possibilidades de criação, tendem a conflituarem-se com e nos novos suportes de comunicação e com as tecnologias virtuais.

Em um dos primeiros livros conhecidos do Círculo de Bakhtin o *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* encontra-se referência ao termo campo/esfera, quando Bakhtin/Voloshinov discute as bases ideológicas (marxistas) e filosóficas da interação verbal:

Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2003, p.33).

Os avanços e a disseminação de novas tecnologias da comunicação tiveram (e ainda têm) um papel decisivo nesse processo de criação de gêneros emergentes (COSTA, 2010). Não compete dizer que a emergência de um gênero significa o desaparecimento de outro, mas percebe-se um forte caráter sincrético nos gêneros vigentes. Concordamos com Costa ao considerar que os discursos não estão presos ou encapsulados a uma forma única de existência e mais,

(...) em meio às convulsões e instabilidades de um cenário midiático convergente, as relações entre os atores dos processos comunicativos são fundamentais para o entendimento das formas (ou dos gêneros) pelas quais essa comunicação se apresenta e se estabiliza.” (Idem, p. 38)

Reconhecemos a dependência e a relação dos conceitos de gêneros discursivos e esfera para a investigação de gêneros jornalísticos, considerando que o sujeito autor do texto jornalístico reelabora e acentua marcas autorais dos gêneros em extratos de produção e circulação específicas e singulares da interação verbal. Assim, um gênero oral é transmutado dessa esfera para a escrita, para a verbo visualidade em constante trabalho criativo e autoral.

2 REELABORAÇÃO DOS GÊNEROS: UM NOVO SUPORTE DETERMINA UM NOVO GÊNERO?

É notória a complexidade da produção discursiva nos e dos campos da atividade humana. Novos gêneros aparecem atrelados a novas mídias, novos letramentos e circunstâncias sociais diversas. Outros antigos são recuperados, chamados a público, quando se intenta argumentar, polemizar concepções *vintages* de usos e aplicações. Perguntamos, assim, será a

carta pessoal um gênero em desuso? Em quais contextos sua produção e circulação se atualiza nas sociedades? Esse questionamento é, apenas, ilustrativo do raciocínio que elaboramos para, mais uma vez, afirmar a dificuldade de classificação dos gêneros discursivos.

O ou os gêneros selecionados para a análise deste artigo, fruto de provocações sobre a natureza verbal e não verbal da linguagem, se materializa(m) em uma revista de circulação nacional, de periodicidade semanal que, como jornalismo impresso, é constituída de sessões que se encontram em toda e qualquer revista informação geral. Sem nos debruçarmos sobre o projeto editorial e formato jornalístico, salta-nos aos olhos as características das unidades da enunciação em enunciados em gêneros do discurso relativamente estáveis usando, aqui, a expressão bakhtiniana, como já argumentamos:

Considerando que os novos enunciados/gêneros discursivos mantêm certos elementos dos quais derivaram e conservam alguns artefatos de sua primeira invenção, facultando-se a serem reinventados quando atualizados em outra situação sócio comunicativa, pode-se constatar um processo reelaborativo dos enunciados que se materializam em formas, estilos e composição distintas. Esse processo, fenômeno da reelaboração de gêneros discursivos, reafirma o caráter essencialmente híbrido da constituição de gêneros mais elaborados e que requerem uma ação de letramento articulado com mais de uma semiótica linguística, para a afirmação dos processos interativo e interlocutivo entre os sujeitos envolvidos, organizados em determinadas esferas da comunicação, que se utilizam de algumas possibilidades de materialidade da linguagem, quer verbal ou não verbal.

Compreender como os gêneros funcionam e se constituem em suas mais diversas situações de interação é, como explica Pereira (2010, p. 3), “entender como a língua se realiza na forma de enunciados e como esses enunciados, engendrados por diversas orientações ideológicas e projeções valorativas, se tipificam e se estabilizam socialmente”.

A dialogia não segmenta o processo de criação do momento de sua enunciação: a linguagem é um acontecimento precário e irrepetível. As variedades dos gêneros discursivos são tantas quanto a capacidade criadora humana de inventá-los, elaborá-los e reelaborá-los. Quanto mais uma esfera da comunicação humana se moderniza e agrega elementos semióticos da linguagem, mais se desenvolve e mais complexa se torna, podendo gerar novos enunciados/gêneros discursivos.

Assim, essa noção de reelaboração de gêneros³ é um processo cunhado por Bakhtin que protagoniza os sujeitos da linguagem. Se novos gêneros discursivos são criados pela necessidade sócio-comunicativa, o agir humano e a ação com a linguagem é a condição para isso. Assentam-se os sujeitos como interactantes que se sujeitam a moldar e acolher as determinações e limites da situação discursiva.

Abordamos o gênero como como instância mediadora das negociações de sentido nas sociedades. Para se estudar o gênero discursivo é imprescindível situá-lo em uma esfera da comunicação, pois a esfera discursiva determina características intrínsecas ao gênero/enunciado. Os enunciados relativamente estáveis bakhtinianos são inerentes a um determinado gênero e, portanto, passíveis de reelaboração. Por excelência, o blog insere-se no meio digital como um gênero discursivo pertinente ao campo e comunicação virtual. Já a coluna “Blogs do Além” utiliza-se dos recursos da interdiscursividade e intertextualidade bakhtiniana, não se constituindo em uma réplica do blog tradicional, pois ser veiculada na revista impressa, suporte que o sustenta, é um dos elementos que provoca uma reelaboração do gênero como um novo gênero. Este ato surge, como destaca Costa (2010), como etapa posterior à incorporação de um gênero por outro.

No âmbito de nossa proposta, elege-se a esfera jornalística, em formato de veículo impresso, em revista de circulação nacional, de periodicidade semanal, na coluna denominada “Blogs do Além”, criada e assinada por Vitor Knijnik. Esse é o nosso objeto de estudo e para problematizá-lo buscamos dialogizá-lo com o formato tradicional de blog, que circula em meio virtual, pautando a natureza semiótica sob a qual os enunciados se apresentam como possibilidade de alargar ou limitar os processos de reelaboração discursiva da coluna acima citada.

Seria a metáfora da metamorfose apropriada aos gêneros? Corroboramos desde o início deste texto que o processo constante de metamorfose a que os gêneros do discurso estão sujeitos é dependente do processo de (re) elaboração de formas relativamente estáveis de enunciados em gêneros do discurso no âmbito das esferas de atividade comunicativa. São processados pela interação verbal com o pressuposto de uma cultura comum, a ser de domínio coletivo de determinado grupo social ou comunidade de sujeitos, com domínio de formas discursivas específicas por diferentes sujeitos

Enquanto o sinal é identificado, o signo linguístico é descodificado. Essa características do signo e suas propriedades como palavra ideológica inscreve a análise dos enunciados na contra mão da corrente tradicional de estudos linguísticos que tratava a palavra como “forma abstrata”. Inaugura-se a análise da palavra em seu percurso enunciativo, o signo em interação, vinculado à realidade que o circulou e o circunda, lugar de onde provém suas reelaborações discursivas.

... aquilo que constitui a descodificação da forma lingüística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2003. p.94).

A produção discursiva só é valorada na sociedade, entre os sujeitos que a realizam, quando se constituem em compartilhamento de sentidos, por relações dialógicas de conferem as palavras, enunciados e discursos o *status* de signo linguístico.

A linguagem se fulcra em inúmeros contextos como acontecimento discursivo, enquanto prática social viva, que se instaura no presente, podendo fazer remissão ao passado e perspectivar horizontes outros de criação semiótica. Assim, todo enunciado é uma palavra fora de seu estado de dicionário, uma negação dessa abstração significativa e glossariada do gênero dicionário. A essas provocações, instamos analisar a presença de gêneros em reelaboração na esfera jornalística de produção e circulação da linguagem, vez que a criação linguística ganha forma discursiva e relevância social ao transmutar-se e modalizar-se como signo ideológico passível de polêmicas e (des) construções.

3 A COLUNA BLOGS DO ALÉM: O JÁ DADO E O NOVO

Certas situações comunicativas costumam se repetir em situações padronizadas,, mesmo que essas situações sejam singulares. Uma saudação coloquial, em um primeiro nível é uma repetição do cotidiano: bom dia, boa tarde, boa noite. Contudo, a extensão sócio simbólica do enunciado imprime e impregna-o de entoações valorativas por interesse e intenção do enunciador e das circunstâncias contextuais de sua produção. A palavra / enunciado como signo neutro (e ideológico) não é desprovida de carga ideológica, pois como produto e processos das interações verbais é provida de uma gama de virtualidades possíveis da e pela linguagem, sendo, assim, retematizada e modalizada por meio de sentidos em cada situação discursiva de seu uso

Um exemplo na esfera jornalística do enunciado como gênero do discurso e da dialogia da linguagem é a coluna “Blogs do Além”, a qual passamos a ilustrar. Na coluna, um texto pode remeter ou fazer alusão a outros textos do mesmo gênero ou de gêneros diferentes com os quais dialogiza. Nota-se a presença de recursos verbais e não verbais, a ironia, a intertextualidade, a intercalação de gêneros que se imbricam na constituição do gênero coluna Blogs do Além, dentre outras possibilidade de entrelaçamento teórico, a luz da sua análise no âmbito dos estudos bakhtinianos.

A coluna Blogs do Além só existe enquanto gênero discursivo porque há um público leitor que com ele dialoga, pois atende a uma situação sociocomunicativa previamente planejada. É caracterizado por uma estrutura/molde do blog comumente conhecido, mas é passível de inclusão e modificações de “comentários” e “citações” que geram um novo gênero. Assim como

nos diz Bakhtin em uma recuperação de seu pensamento, os gêneros do discurso são uma capacidade infinita da criação humana, um repertório disponível no instante e no limite da linguagem, nos deslocamento da linguagem nos seus percursos de sentidos.

Intriga-nos a pergunta: No processo criativo da coluna Blogs do Além, como se revela a reelaboração dos gêneros discursivos? Há intercalação ou relação intragenérica entre os diferentes enunciados? Encontrar indícios dessa produção discursiva em que a tradição do já elaborado – o dado se encontra com um novo é buscar, nas palavras de Bakhtin (2008) a compreensão do princípio que mobiliza a criação:

O gênero sempre conserva os elementos imorredouros da *archaica*.*. É verdade que nele essa *archaica* só se conserva graças a sua permanente *renovação*, vale dizer, graças à atualização. O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é o novo e o velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a vida do gênero. Por isso, não é morta nem a *archaica* que se conserva no gênero; ela é eternamente viva, ou seja, é um *archaica* com capacidade de renovar-se. O gênero vive do presente mas sempre *recorda* o seu passado, o seu começo. É o representante da memória criativa no processo de desenvolvimento literário. É precisamente por isto que tem a capacidade de assegurar a a *unidade e a continuidade* desse desenvolvimento. (BAKHTIN, 2008, p. 121)

A perenidade e antiguidade de certos enunciados – a *archaica* no sentido etimológico da antiguidade clássica – dispara a renovação e criação de outros gêneros discursivos, remontando ao passado, mas com acontecimento presente. Essas questões nos foram apresentadas pela curiosidade do próprio título que remete a um suporte virtual, mas que se dispõe e distribui no suporte revista impressa. Portanto, utiliza-se de diferentes formas de criação da linguagem em gêneros do discurso que se transmutam e sofrem variação de acordo com as diferentes esferas de atividade do homem.

Publicada pela primeira vez em 11 de junho de 2008, na revista Carta Capital (Editora Confiança), a coluna intitulada “Blogs do Além” nasceu de uma provocação da *publisher*⁴ do veículo, Manuela Carta, que lançou ao publicitário Vitor Knijnik o desafio de criar uma página de humor para a revista semanal. Depois disso, Knijnik, em conversa com sua equipe na agência de publicidade sobre como ninguém é intocável na internet, começa a pensar em que tipo de comentário seria suscitado se porventura Shakespeare tivesse um blog. Dessa divertida ideia foram criados primeiramente quatro textos, os quais a direção de redação optou por publicar, estabelecendo a coluna que ainda hoje é veiculada na revista.

A intenção do autor é justamente parodiar a linguagem utilizada nos blogs, especialmente aqueles que possuem um maior caráter de personalidade. A coluna preserva o tom de informalidade que é bastante comum a esse gênero e, nesse espaço, os personagens a quem

Knijnik “dá vida” muitas vezes se comportam como adolescentes que encontram ali a possibilidade de desabafarem para os amigos através da sua página pessoal. Este contraste entre a imagem cristalizada de uma grande personalidade e a banalidade de um texto publicado em uma página pessoal é uma das grandes fontes de comicidade da coluna. A própria transposição de um gênero particular da internet para o meio impresso já denota o tom de ludicidade da seção.

Com relação à escolha dos personagens, Knijnik afirma que “gente morta não falta. O que sempre procuro é a piada certa para cada personagem. Por vezes, ela chega antes mesmo do falecido”. Há um cuidado por parte do autor em se evitar obviedades. Quando do falecimento da cantora inglesa Amy Winehouse, por exemplo, houve a opção de se publicar o blog do escritor francês Honoré de Balzac falando sobre a mulher de 30 anos. Na galeria de autores encontramos grandes nomes da música, do cinema, da literatura, da política, da ciência e da educação.

A brincadeira, bem-sucedida no meio impresso, foi levada também para a rede. No site⁵ que reúne todos os blogs encontramos a seguinte descrição:

Com periodicidade de mais ou menos uma vez por semana, um novo personagem do além baixa aqui – pode ser um grande gênio da humanidade ou um escroque completo. O critério para ser psicografado é amplo. Na verdade, basta ser famoso e ter morrido. Nem humano precisa ser. Porém, todos são retratados pelo mesmo médium que, ao contrário dos verdadeiros, intervém na forma, conteúdo e estilo – se é que há. Por isso, não fique decepcionado por qualquer declaração que algum ídolo seu possa ter enviado lá do outro lado. Saiba que ele também está descontente e lhe manda lembranças.

Uma das características marcantes desta editoria é a presença da ironia enquanto recurso de linguagem. Sobre este aspecto, mencionamos novamente as contribuições apresentadas por Bakhtin, em sua obra *Estética da Criação Verbal*. Para ele a ironia se apresenta também como um modo de enunciação, e mais do que isso, juntamente com o humor e o riso, seria um instrumento de libertação para o homem imerso numa cultura de multiplicidade de tons, em que o tom único – o sério – torna-se inaceitável:

A ironia penetrou em todas as Línguas modernas (sobretudo no francês); introduziu-se nas palavras e nas formas (sobretudo nas formas sintáticas: a ironia destruiu, por exemplo, a pesada oração enfática do discurso). A ironia insinuou-se em toda parte, é atestada em todos os seus aspectos: desde a ironia ínfima, imperceptível, até a zombaria declarada, O homem moderno já não proclama, nem declama, fala, e fala com restrições (2003, p.371).

Mencionamos ainda Silva (2005), quem afirma que a ironia deve ser compreendida em sua natureza intertextual, e é preciso levar em consideração que um enunciado irônico sempre ecoa o um outro enunciado. Para que haja ironia no discurso, segunda a autora, é de suma importância que

os intérpretes sejam capazes de reconhecer que o significado de um texto dito não é o significado de quem produziu o texto. Ela é um recurso que evidencia a relação dialógica da linguagem, ou a presença do outro, propondo novos valores, sem que os anteriores sejam apagados. O reconhecimento do texto irônico está ligado a vários fatores, como: 1) falta muito evidente de combinação entre o que se quer dizer e o que foi dito; 2) indicação no tom da voz do falante, e; 3) pressuposto dos intérpretes sobre quem está falando. (2005, p. 46).

A partir da fala exposta acima, podemos identificar a presença do recurso da ironia nos Blogs do Além em diversos aspectos, desde a própria titulação da coluna até a escolha dos personagens e o tipo de enunciação que a eles é atribuído (ou, como coloca Silva, indicação no tom da voz do falante).

4 BLOG DO COSTA E SILVA: “NÃO DÁ PARA VIRAR A PÁGINA”

Dentre os “Blogs do Além” pesquisados um deles nos chamou mais atenção. O Blog de Costa e Silva, veiculado na edição de 11 de abril de 2012, Ano XVII, nº 692. A configuração da página pode variar de acordo com o tema e o personagem da coluna, mas todos os textos são sempre publicados como se estivessem inseridos em um layout de um blog, contendo todos os elementos que uma página desse gênero possui na internet.

Essa coluna específica traz uma particularidade que o distingue dos demais: é disposto na página esquerda ao direcionamento da leitura do leitor da imagem, é o único blog em que os editores da revista fizeram essa opção. As publicações do Blog comumente são dispostas nas páginas à direita (páginas ímpares), como pode ser observado na imagem 2 constata-se que houve intencionalidade, decisão e ação discursiva do autor da coluna juntamente com os editores da publicação para justapor o enunciado ao deslocamento da página é uma conclusão óbvia, indiscutível aos efeitos de sentidos que geraria partir dessa “composição enunciativa” de autoria e estilo.

No blog apresentado na imagem 1 um enunciado merece destaque; **“não dá para virar a página”**.⁶. No canto superior esquerdo encontramos o nome da editoria da qual a coluna faz parte (“A Semana”) na cor preta. Na sequência uma tarja preta faz a separação entre o título da editoria e da coluna, este último em vermelho, seguido pelo nome de Vítor Knijnik, seu autor. No blog em questão⁷, há o predomínio das cores preta e branca, com alguns detalhes em vermelho, como nos títulos das seções do blog, o subtítulo (“Comichão de verdade”) e duas letras do nome do personagem. Como no espaço virtual, encontra-se uma descrição referente à personalidade escolhida e sobre o blog no lado direito da página, abaixo da imagem ilustrativa de Costa e Silva (criada por José L. Tahan), onde lê-se:

Sobre mim – Segundo presidente do regime militar, instaurado pela revolução de 64. Conhecido por ser da linha dura; algo que minha mulher nunca entendeu. Sob meu governo foi promulgado o AI-5, conhecido na caserna como Aí Sim, Co (meu apelido para os mais íntimos). Sobre o Blog – Mal escrito, de péssimo humor e quase sempre desatualizado. Todos os comentários enviados ao blog, antes de serem publicados, passarão por censura prévia. Espero, sinceramente, que a leitura seja uma tortura.

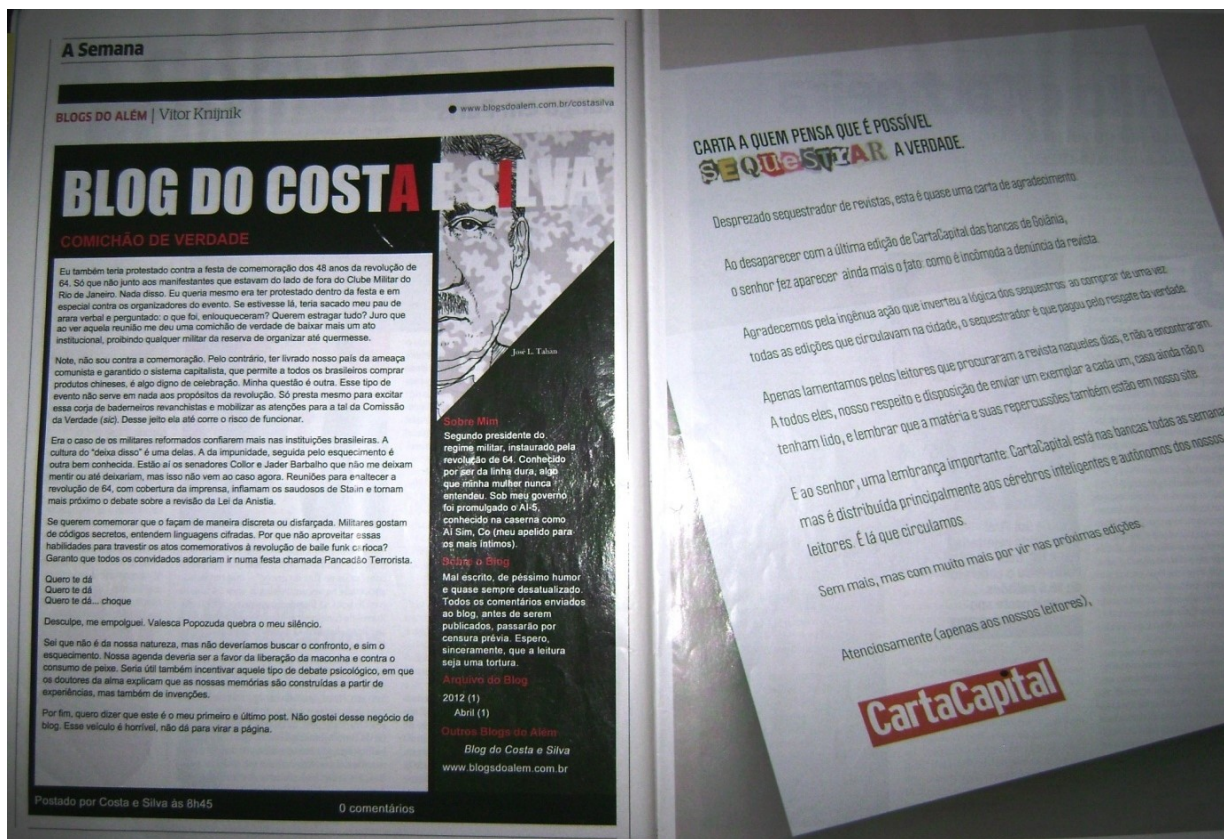


Imagem 1: “Blog do Costa e Silva” – Disposição das Páginas na seção

A seguir encontramos mais duas seções, a saber (Imagem 2), “Arquivo do Blog”, onde são indicados o número de postagens no ano e no mês e a indicação de “Outros Blogs do Além”, onde o leitor, além de ver novamente o nome do blog atual, pode conferir o endereço do site onde podem ser encontradas outras publicações do como esta. No rodapé do blog, vemos o autor e o horário da postagem (no caso, “Postado por Costa e Silva, às 8h45”), e o número de comentário (0).

Todas as características que definem a coluna revelam o humor e a ironia presentes nesse espaço. Da escolha do personagem a ser retratado, a linguagem e expressões utilizadas que apontam traços da sua personalidade e do contexto no qual viveu e que o fez se tornar alguém conhecido nacional ou internacionalmente, ou até mesmo a própria descrição que se adota de tal pessoa e da página, tudo concorre para que haja, ao mesmo tempo, o riso, em primeira instância, mas também uma provocação e uma reflexão, a depender de quem se trata.

Essa interação entre os sujeitos não é um diálogo entre duas pessoas, é uma ação propiciada pela organização da linguagem em gêneros. Além da noção de princípio organizador, outra noção, a de alternância dos sujeitos apresentada em Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico, também é fundamental para se considerar a natureza dialógica da linguagem Bakhtin/Volochinov (2003)

Os limites da cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão.) (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2003, p.275).



Imagem 2: Disposição comum dos blogs na página ímpar (lado direito) da revista

Assim, a interação ocorre entre sujeitos historicamente situados e organizados socialmente, assumindo papéis enunciativos distintos que favorece a troca e o jogo enunciativo. O domínio de uma mesma cultura, como situação social mais imediata, é um dos aspectos que contribui para a criação de um horizonte comum de comunicação entre os enunciadores, para se buscar a compreensão da situação discursiva que se instaura em uma determinada esfera da

comunicação. Percebe-se que, muitas vezes, os gêneros discursivos não são estudados em perspectiva dialógica, antes de serem enfocados como processualmente constituídos, eles são estudados como produto, o que nega a sua construção composicional como atrelada a uma necessidade da comunicação humana.

5 CONCLUSÕES: “O GÊNERO VIVE DO PRESENTE, MAS RECORDA O SEU PASSADO O SEU COMEÇO”

A sessão Blogs do Além, como um novo gênero, segue uma espécie de linhagem do gênero blog no ambiente virtual, aludindo e conservando traços linguísticos e de estilo desse. Reafirma, enquanto novo gênero, o caráter essencialmente híbrido de sua elaboração, pois é um gênero resultante de transformações, sendo constituído por outros gêneros como já explicitado.

No diálogo com as contribuições conceituais do pensamento bakhtiniano, afirmamos que reelaboração de gêneros é um processo dialógico, que envolve a conservação de marcas de um gênero inaugural em outro gênero, processo em que um gênero é passível de assimilar e conservar marcas de outro gênero, gerando formas discursivas híbridas, complexas ou até mesmo novo gênero.

O trabalho de criação discursiva não é um produto acabado. A inesgotável fonte de criação de gêneros da ininterrupta cadeia da comunicação linguística, transmissão herdada de tempos em tempos, é sempre um processo de reelaboração e apropriação de gêneros já existentes. A inauguração de um novo gênero tende a considerar marcas e aspectos de uso daqueles que não são tão correntes em tempos atuais, mas que se atualizam como uso corrente em contexto sócio enunciativos singulares e sociais.

A produção discursiva de transformação da língua em linguagem (do sinal para o signo) acompanha o fluxo da comunicação humana, da interação verbal, da necessidade do sujeito autor inaugurar-se como enunciador: “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usadas; eles penetram na corrente da comunicação verbal” (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 2003 p. 108);

Nossa argumentação é a de que a editoria e criação do “Blogs do Além”, do modo como é veiculado no meio impresso, configura-se como um novo gênero, pois apresenta as seguintes características:

- Apresenta-se em um outro suporte, deslocando-se do ambiente virtual blog para a página impressa de um revista semanal.

- Conserva marcas e se identifica com um gênero já existente, o que se constata pela disposição gráfica da página e suas sessões, remontando o padrão gráfico das sessões e do gênero blog.
- Produz novo movimento dialógico, como por exemplo, por meio do recurso da ironia discursiva e polifonia entre a recuperação de discursos de personalidades que já morreram com acontecimentos recentes do noticiário nacional.
- Interage com um leitor que se constitui dominante de gêneros discursivos diversos, pois, o caráter reelaborado da coluna “Blogs do Além” faz supor que o seu leitor possui um perfil de letramento que se articula com os multiletramentos, pois assimila e identifica marcas da interação escrita em contextos virtuais que se materializa na sessão impressa da revista.
- A dimensão polissêmica e semiótica da palavra em uso exigiu a confluência de mais de uma materialidade discursiva (a palavra, a imagem, a recuperação do formato virtual blog, dentre outros elementos.) para relacionar a coluna Blogs do além a tantas “ significações possíveis quantos contextos possíveis” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2003, P. 106.)
- Mesmo com a pluralência, a coluna Blogs do além conserva unidade, mantém-se: como um gênero discursivo midiático.⁸

Buscamos interpretar o processo de reelaboração dos gêneros do discurso tematizando a coluna Blogs do além como um gênero que se constitui pelo entrelaçamento de outros gêneros. Acreditamos ter apresentado, neste artigo, com base no aporte teórico dos estudos bakhtinianos, na teoria dialógica da linguagem, questões (e desprovida de presunção acadêmica, algumas respostas) para a análise da atualização dos gêneros na esfera jornalística. Constatamos que há um estabilidade da coluna em análise, mas que essa recupera elementos de outros canais e outros gêneros para ser reconhecida como integrante de mídia impressa e não como assentada no meio virtual.

Os Blogs do Além inauguram um nicho discursivo na revista semanal. Como leitores da revista, nossa intenção e interesse deslocam-se para essa editoria. Paradoxalmente os Blogs do Além duelam com e ela imortalidade e perenidade ao evocar/fazer circular vozes de mortos : a eternidade da morte. Como gênero, produz conhecimento e efeito de sentidos nas práticas interativas que se processam intraenunciados que o compõem como no percurso enunciativo de sua leitura e extração pelo leitor. Possamos, assim, concordar que no processo de reelaboração

criadora de gêneros pode-se ter como resultados e resultantes tantos gêneros que recuperam, conservam elementos... Afinal, se está na revista é para ser lido? *Temos que continuar virando a página.*

NOTAS

- ¹ Adotamos a expressão esfera da comunicação humana como a ação humana com a linguagem em diferentes áreas em que os sujeitos interagem e produzem linguagem. (BAKHTIN, 2003)
- ² Denominamos de Círculo de Bakhtin o conjunto de estudos que se propagou a partir de reuniões de intelectuais russos dos anos de 1918 a 1924 de distintas áreas do conhecimento, cujos encontros pretendiam dialogar para a obtenção de intercâmbio intelectual entre as diferentes áreas de conhecimento, a saber a filosofia, a psicologia, as artes, as letras e humanidades. Esse grupo de estudiosos tornou-se conhecido como Círculo de Bakhtin e influenciou (ou) na retomada dos estudos linguísticos do início do século XX, ainda hoje exercendo importante influência na produção do conhecimento em distintas áreas.
- ³ Optamos por reelaboração de gêneros e não transmutação de gêneros, por compreender que a primeira expressão indica e clarifica a apreciação e escolhas dos sujeitos ao se enunciar.
- ⁴ Não há uma definição específica para o termo, mas pode-se ser aplicado ao profissional de um veículo de comunicação que atua, ao mesmo tempo, na área editorial e na comercial.
- ⁵ (www.blogsdoalem.com.br).
- ⁶ “Por fim, quero dizer que este é o meu primeiro e último post. Não gostei desse negócio de blog. Esse veículo é horrível”.
- ⁷ Notam-se algumas diferenças entre o layout da coluna que foi impressa na Carta Capital e no conteúdo disponibilizado na internet. Tendo em vista nosso objetivo, bem como a fundamentação teórica adotada neste trabalho, vamos nos ater à descrição e análise do meio impresso.
- ⁸ Encontra-se disponível a coluna no meio virtual: <http://www.cartacapital.com.br/blogsdoalem>. Ratificamos que nossa análise se processou na coluna impressa, em revista semanal.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN/VOLOCHINOV, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 8ª ed. São Paulo, Hucitec, 2003.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 4a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2008.

BARROS, Diana Luz Passos. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 25-36.

COSTA, Rafael Rodrigues da. **A TV na web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia**. 2010. 173p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2010.

GRILLO, S. V. de C. “Esfera e campo”. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006

KNIJNIK, Vitor. **Blog do Luiz Carlos Prestes**. Carta Capital. Edição nº 686. p. 17, 29 de fevereiro de 2012.

_____. **Blog do Costa e Silva**. Carta Capital. Edição nº 692. p. 18, 11 de abril de 2012.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: **Bakhtin: conceitos-chave**. Beth Brait (org.). 4.ed. – São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, Rodrigo Acosta. Cronotopos, esfera e autoria no gênero notícia impressa. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 06, n.12, 1º sem. 2010. Disponível em http://www.letramagna.com/artigo15_XII.pdf. Acesso em 05/03/2012.

SILVA, Amanda Ferraz de Oliveira e. **O gênero discursivo “propaganda televisiva”:** interações verbais na perspectiva bakhtiniana. 2005. 107 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/7059/7059_5.PDF. Acesso em 30 de maio de 2012.

ZAVAM, Aurea Suely. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso:** o conceito de tradição discursiva e sua aplicação em um estudo sobre editoriais de jornais. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2009.